

## ***Viagens na Minha Terra*: Fundação de um Portugal moderno pela via literária**

**Eduardo José Paz Ferreira Barreto<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Um dos maiores expoentes do Romantismo português, Almeida Garrett produziu vasta obra lírica, novelística e teatral. *Viagens na Minha Terra* se destaca na produção do autor por sua curiosa estrutura tripartite, na qual três planos narrativos se combinam para tecer uma experiência literária ímpar na primeira metade do século XIX: um plano geográfico (viagem espacial ou exterior), um plano conceitual (interior) e um plano heroico-sentimental (na verdade uma pequena novela chamada “A Menina dos Rouxinóis”). Este artigo tem como objetivo a análise do programa estético do autor de *Viagens*, tal qual se afigura na obra em questão, de modo a demonstrar a existência de uma intenção cívica intrínseca ao Romantismo garretiano, norteadas tanto pelo momento político-histórico pelo qual passava Portugal quanto pelas influências artísticas estrangeiras trazidas por Garrett.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa; Romantismo; Almeida Garrett.

## ***Travels in my homeland*: The foundation of a modern Portugal through a literary way**

**ABSTRACT:** One of the greatest Portuguese Romantic authors, Almeida Garrett produced a vast body of literary work, in poetry, prose and theater. *Viagens na Minha Terra* stands out in his body of work due to its curious tripartite structure, in which three narrative planes are combined to weave a literary experience that is without pair in the first half of nineteenth century: a geographic plane (spatial or exterior travelling), a conceptual plane (interior) and a heroic-sentimental plane (in truth, a brief novelette called “A Menina dos Rouxinóis”). This article aims to analyze the aesthetic program of the author of *Viagens*, as it appears in the work in question, in order to demonstrate the existence of an intrinsic civic intention to garretian Romanticism guided by both the political and historical moment endured by Portugal as by foreign artistic influences brought by Garrett.

**Keywords:** Portuguese Literature; Romanticism; Almeida Garrett.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras – PUC-RJ. Professor da UNIABEU. [profedubarreto@gmail.com](mailto:profedubarreto@gmail.com)

## 1. Introdução

Ninguém pode negar a gigantesca importância que *Viagens na minha terra* e seu autor, Almeida Garrett, tiveram para a literatura portuguesa. Considerada, por várias razões, a narrativa mais bem realizada por Garrett, *Viagens* foi publicada em 1846, motivada por uma viagem feita pelo autor a Santarém, a convite do amigo Passos Manuel. A obra desenvolve-se em dois níveis narrativos. O primeiro corresponde às impressões da viagem, registradas pelo autor; o segundo, a partir do capítulo X, é a história de Carlos e Joaninha, “a menina dos rouxinóis”, durante as lutas entre liberais e miguelistas (das quais, aliás, o autor participou). Tanto as impressões da viagem quanto a história de Carlos e Joaninha são entremeadas de divagações das mais diferentes ordens: moral, científica, psicológica, política, artística etc.

Tendo identificado o texto sobre o qual trabalharemos, nos propomos a, partindo de suas reflexões (múltiplas viagens), identificar e analisar o programa estético do autor e suas propostas para a construção de um “Portugal moderno”, já que, a partir daí, Garrett insere sua obra no que se pode chamar de “literatura de fundação”.

Em um primeiro momento vamos explorar as diferentes conotações que a palavra “viagem” toma durante a obra. A partir daí, procuraremos indicar como Garrett consegue inserir, algumas vezes de forma até mesmo simultânea, tanto seus anseios como artista quanto como cidadão português. Tal não se afigura estranho, pois para Garrett, assim como para Alexandre Herculano e a geração Romântica, separar ambas as facetas afigurar-se-ia impossível.

Envolvido na luta fratricida da Guerra Civil e sempre participante da política (onde exerceu cargos importantes, como o de Cônsul-geral em Bruxelas), Garrett procurou desenvolver um programa estético objetivando a reconstrução da cultura portuguesa. Consciente de que seu país estava mergulhado em uma crise de identidade, vê chegado o momento de repensar e reconstruir os valores culturais da pátria, projeto pelo qual labutou durante toda a sua vida e que veio a resultar, entre outras coisas, na formação do Teatro Nacional.

[...] Garrett não foi unicamente escritor, pois não dedicou a sua vida exclusivamente à criação de uma obra literária. Pelo contrário, como já se referiu, a sua atividade como homem público e os seus ideais políticos determinaram a escolha dos temas, especialmente da obra em prosa, ao mesmo tempo que estimularam o escritor, sempre empenhado na realização de um ideal cívico. (FERREIRA, 1997, p. 13)

Finalmente, analisaremos algumas personagens de “A menina dos Rouxinóis”, levando em consideração a análise crítica feita por Garrett à sociedade de Portugal nos anos que se seguiram à Guerra Civil.

## **2. As Viagens de *Viagens na Minha Terra***

Detendo-nos sobre a estrutura da obra, segundo verificamos três tipos fundamentais de “viagens” (MACEDO, 1979, p. 17):

- Viagem Espacial (Exterior)
- Viagem Conceitual (Interior)
- Viagem Heroico-Sentimental

A Viagem Espacial (Exterior) trata da jornada do narrador de Lisboa a Santarém, estendendo-se por todos os capítulos do texto. Aqui se dá a descrição do espaço geográfico e identificação do espaço físico percorrido.

A Viagem Conceitual funciona como reduplicação mimética subjetiva da primeira “viagem” (Espacial ou Exterior), na medida que, apesar de ocorrer no mesmo espaço textual e, aparentemente, ao mesmo tempo, abarcará as digressões e reflexões dissertativas, entremeando-se com a mera movimentação espacial. Cerne da referencialidade do texto, é a crônica do pensar e do sentir.

É esta jornada que abarcará o cerne do pensamento crítico-reflexivo de Garrett. Duras críticas à política e ao governo, falência dos ideais revolucionários e finas ironias em relação a todas as coisas, sempre num estilo que se aproxima do coloquial, mas nunca deixa de ser, conscientemente, literário.

Francamente, pois... eis aí o que poderão dizer: - Addison foi secretário de Estado, e então... – Então o quê? Não concebem um secretário de Estado filósofo, um ministro poeta, escritor elegante, cheio de graça e talento? Não; bem vejo que não: têm a ideia fixa de que um ministro de Estado há-de ser por força algum sensaborão, malcriado e petulante [ou um pedante impostor e papelão, ou um hipócrita, um gebo, um intrigante...]. Mas isto é nos países adiantados [como

o nosso], em que já é indiferente para a coisa pública, em que povo nem príncipe lhes não importa já em que mãos se entregam, a que cabeças se confiam. Em Inglaterra não é assim [que não chegou ainda à nossa perfeição,] nem era assim no tempo de Addison. Fossem lá à rainha Ana, que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de coiro sem criação nem instrução, e não mais senão só porque este sabia jogar nos fundos, aquele tinha boas tretas para o canvassing de umas eleições, o outro era figura importante no Freemason's hall! (GARRETT, 1997, p. 50)

Garrett viaja em pequenas etapas pelo vale de Santarém, exaltando a doçura da paisagem, o pitoresco dos costumes populares, numa literatura que é, ao mesmo tempo, crônica e “bate-papo”, o que não era tão incomum, durante o Romantismo Português. Afinal, Jorge de Sena reconhece, como características do discurso romântico

“uma visão aristocratizante da vida (do povo e do indivíduo em contraste com o mundo ‘burguês’) como aventureirismo ardente, ou como nobilitação pela dignidade representativa e exemplar; a focalização nos contrastes e nas antíteses, simbolizadas pelo par ‘sublime-grotesco’; [...] o gosto oratório da eloquência, quando não da logorreia, ao sabor de uma visão excitadamente apaixonada do mundo e da vida, mas também de um coloquialismo elegante, entrecortado de suspensões e anacolutos; uma liberalização da expressão [...]” (SENA, 1981, p. 99)

Os dois polos do gosto literário de Garrett são a Aristocracia e o Povo, numa espécie de dicotomia cultural em que não há lugar para a burguesia. O estilo de conversa é totalmente novo para a época, cheio de encanto no seu saboroso impressionismo. Ele traduz e cria simultaneamente um moderno timbre familiar, não obstante seu humor de cunho fortemente intelectual. Sentimentos, ideias e observações parecem deslizar ao longo da narração: o gosto popular e o sentido aristocrático “casados”, como sempre parece ter sido a intenção de Garrett.

O narrador se afigura um homem de talhe antigo: desiludido por uma sociedade burguesa que não soube merecer os valores e artes legados, atraída pelos bens nacionais, pela finança e por lamentáveis jogos políticos, assimila uma cultura nova, uma situação romântica, mas guarda valores espirituais de outrora. O povo procede da mesma maneira e, por isso, Garrett o compreende. O outro, o burguês, é o “barão”, comparável desfavoravelmente aos asnos em termos intelectuais. O frade (que “infelizmente não soube compreender os tempos novos” (GARRETT, 1997, p. 58)) foi vítima da sua própria lentidão adaptativa. Talvez

Garrett lhes estivesse fazendo uma homenagem quando disse ter posto “quinze frades e um quarto” (GARRETT, 1997, p. 60) nos seus dramas e romances escritos até então.

A Viagem Heroico-Sentimental mostrará as aventuras revolucionárias e amorosas de um certo Carlos, iniciando-se no capítulo XI e desenrolando-se até o final do livro. Espaço de ação dos personagens ficcionais, é aqui que os preceitos levantados na segunda viagem (Conceitual) se comprovam literariamente.

Dos institutos monásticos, já então bem decaídos todos de esplendor e reputação, a ordem de São Francisco era talvez a que mais descera no conceito público. Quanto mais austera é a regra, tanto mais se nota qualquer relaxação nos que a professam: a [devassidão] dos franciscanos tinha-se feito proverbial e popular. Eles eram tantos por toda a parte e tão conversantes com todas as classes; familiarizara-se por tal modo o povo com o aspecto daquelas mortalhas negras – aspecto já não severo e, apenas deixou de o ser... ridículo – e elas apareciam em tais lugares, a tais horas por tal modo... que todo o respeito, toda a estima, toda a consideração se lhe perdera. Escritores, já os não tinham; pregadores, poucos e sem reputação; era, em todo o sentido, a religião mais humilhada na geral decadência das ordens.

Frei Diniz procurou-a por isso mesmo. Queria ser frade, o frade desprezado e apupado do século dezanove.

Em certos ânimos, é preciso muito mais valor e entusiasmo para afrontar este martírio, do que fora nos antigos tempos para ir ao encontro das nobres perseguições do sangue e do fogo.

Lutava-se com honra então; cala-se com glória; vencia-se muitas vezes morrendo...

Agora, é sofrer só. (GARRETT, 1997, p. 106)

Como já mencionamos acima, a primeira viagem serve, de certa forma, como pretexto para a segunda, a qual se realizará, no âmbito ficcional, na terceira. Vejamos como isso ocorre.

Garret, em 1820 um estudante entusiasta das ideias liberais, lhes permanecera fiel durante o exílio, lutou corajosamente por elas durante a guerra civil, idealizou a reforma da literatura e sociedade portuguesa através delas. Finalmente, no entanto, é forçado a admitir a falta de idealismo dos governantes liberais, obcecados pelo aspecto material de sua posição, obsessão essa que se estende a toda a sociedade, menosprezando e ignorando os valores espirituais. Neste sentido, *Viagens na Minha Terra* representa uma visão lúcida, embora pessimista, das consequências da revolução liberal, aspecto que se estende à própria novela da Casa do Vale.

Carlos, personagem central da novela, pode ser visto como um desdobramento literário do próprio Garrett, pois, quer ao nível do temperamento, quer de seu percurso de vida, pode sugerir-se uma identificação desta personagem com o Autor: ideais liberais favoráveis ao constitucionalismo, exílio voluntário em Inglaterra, participação nas lutas liberais.

Carlos é um herói romântico criado à maneira de Lord Byron, o tipo de herói antissocial. Vive uma história romântica de um amor destruído pela sua sensibilidade excessiva e dispersa e termina por render-se à deturpação dos ideais por que lutara.

Ainda mais romântico e mais fundamentalmente garrettiano é o sentimento de instabilidade passional, de tédio no conseguimento, de universal desapontamento quase à Byron, que aliás se liga, desde cedo, com vacilações dos ideais adolescentes, com dúvidas acerca do mérito, da exequibilidade, da seriedade das aspirações iluministas e liberais [...](SARAIVA & LOPES, 2005, p. 680-681)

A instabilidade emocional do protagonista da novela bem como seus ideais políticos refletem o comportamento e a personalidade de Garrett.

Por outro lado, agrega-se a intenção de meditar acerca da crise de valores que domina a cultura portuguesa. Neste sentido, as personagens revestem-se de um valor simbólico: Carlos, *alter ego* do narrador, de personalidade instável, é incapaz de se relacionar, por inteiro, com o outro. Formado num universo em crise de valores, abandona os ideais para assumir um comportamento adequado aos apelos do mundo: ser barão. Desta perspectiva, é o símbolo do Portugal contemporâneo. Frei Dinis representa valores tradicionais destruídos pelo liberalismo. Joaninha, “a menina dos rouxinóis”, simboliza um Portugal ingênuo e telúrico que não tem mais condições de sobreviver ao progresso. (MOISÉS, 1994, p. 40)

O final, com a morte ou a loucura “encontrando” todos os personagens (podemos ver o fato de tornar-se uma freira como uma “morte para o mundo”, como era comum dizer nos meios eclesiásticos) será relativamente típico nos dramas românticos. O caso mais *sui generis*, em nossa opinião, é o de Carlos, que procura uma forma de suicídio através do triunfo social, optando pelo lado negativo da nova vida que a guerra na qual se batera instaurou: faz-se político desonesto, tornando-se “barão”.

Carlos descrê de um seu amor verdadeiro, ao mesmo tempo que descrê da revolução que substitui o domínio do frade pelo do barão capitalista do Constitucionalismo, preparando-se ele próprio para a comédia da vida social com o futuro triunfo político desse liberalismo mistificado. (SARAIVA & LOPES, 2005, p. 696-697)

Esta espécie de suicídio pitoresco substitui a física e tradicional morte do corpo mas, pela ótica do autor, é um fim ainda mais lamentável, e que serve, num duplo objetivo, para acentuar a crítica sociopolítica.

Eu, que nem morrer já posso; que vejo terminar desgraçadamente esta guerra no único momento em que a podia abençoar, em que ela podia felicitar-me com uma bala que me mandasse aqui, bem direita ao coração, eu que farei? Creio que me vou fazer homem político; falar muito na Pátria, com que me não importa; ralhar dos ministros, que não sei quem são; palrar dos meus serviços, que nunca fiz por vontade; e – quem sabe? ... – talvez darei por fim em agiota, que é a única vida de emoções para quem já não pode ter outras.

Adeus, minha Joana, minha adorada Joana; pela última vez, adeus! (GARRETT, 1997, p. 240)

Estabelecendo-se a relação entre a novela e o restante da obra, observa-se que a intenção de Garrett, em *Viagens na Minha Terra*, é servir-se de um diálogo crítico e, através dele, apontar as causas que conduziram o país a uma crise cada vez mais aguda. Segundo ele, Portugal “é uma vasta Baratária, em que domina el-rei Sancho” (GARRETT, 1997, p. 240). É um país que se perdeu no “espiritualismo”

Que marcha sem atender à parte material e terrena desta via, com os olhos fitos em suas grandes e abstratas teorias, hirtó, seco, duro, inflexível, e que pode bem personalizar-se, simbolizar-se pelo famoso mito do cavaleiro da Mancha, D. Quixote. (GARRETT, 1997, p. 29)

E que, por isso, deixou-se arrastar pelo “materialismo”:

[...] que sem fazer caso, nem cabedal dessas teorias em que não crê, e cujas impossíveis aplicações declara todas as utopias, pode bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança. (GARRETT, 1997, p. 29)

### 3. Conclusão



Nas *Viagens*, muito mais do que o fato real (o passeio geográfico empreendido pelo narrador), são fundamentais as constantes “viagens” (pela arte, pela cultura, pela História, pela política) que tão bem demonstram seu apreço por tudo o que poder-se-ia classificar como “lusitano”. Garrett concebe a arte como expressão da sociedade e a literatura como reflexo da época; defende que o escritor deve estar obrigatoriamente comprometido com o seu tempo, envolvido na realidade, no que manifesta uma concepção típica do Romantismo. No entanto, este compromisso do escritor não significa adesão incondicional, pois a criação literária deve incluir uma crítica terapêutica com o objetivo de melhorar, aperfeiçoar, corrigir. Tenta então exaltar o povo para a nacionalidade através dos valores populares:

Data da estadia em Inglaterra o projecto de levar à prática uma ‘literatura nacional’, entendendo por isso uma literatura inspirada em tradições locais respigadas no folclore e nos textos anteriores à introdução do Classicismo – projecto que passou a ser um norte constante da atividade literária de Garrett. (SARAIVA & LOPES, 2005, p. 683)

A novela da Casa do Vale é, sobretudo, uma “história portuguesa”, como os usos e costumes da nação; diversas vezes faz referências às crônicas e sagas lusas, mergulhando nas raízes da cultura de Portugal; apresenta chácaras e romances populares, revelando o seu gosto pelas coisas simples e prosaicas e lamenta o estado geral em que tudo se encontra em sua pátria. Ao narrar, por exemplo, a história de Santa Iria, detém-se, pormenorizando, sobre o aspecto nacional e folclórico da cultura portuguesa.

Ao longo das *Viagens*, Garrett demonstra frequentemente a sua comoção perante um passado cheio de riquezas entregues a uma sociedade que considera vil, corrupta e materialista, bem como o seu profundo apego a tudo o que é “nacional”. Em consequência, a reforma que pretendia tinha como objetivo último conscientizar todo um povo da sua rica herança, potencializando-o para o futuro.

Esperamos ter conseguido, nestas breves considerações, despertar algum interesse sobre uma obra que, inserida no contexto de sua época, foi das mais inovadoras e corajosas da literatura portuguesa da primeira metade do século XIX, como podemos ver em SARAIVA & LOPES.



Ninguém, antes de Garrett, na ficção portuguesa, entrara tão subtilmente na análise do que há de convencional, fictício ou autêntico na vida sentimental, na confusão de verdade e de mentira, de vida actual e de sobrevivência que é o todo afectivo de cada indivíduo; e ninguém pôs em termos tão agudos o problema do desgarrar da personalidade na mudança de tudo, ligando-o, ao mesmo tempo, ao cepticismo superveniente a uma causa generosa que degenera (SARAIVA & LOPES, 2005, p. 696)

Garrett enxergava longe, além dos reinos do existente, procurando um futuro português que beirava (e ainda beira) a fantasia. É notável o fato de que ele trabalhou, efetivamente, para alcançar tal futuro. Por seu papel como homem público, além de seus grandes êxitos como escritor se foi, como disse Camões a respeito de outros desbravadores, que também embarcavam em viagens para outros mares, não menos navegados, “da lei da morte libertando”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Maria Ema Tarracha. Introdução Crítica. In: GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra* – 9ª ed. Lisboa: Ulisseia, 1997.
- GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra* – 9ª ed. Lisboa: Ulisseia, 1997.
- MACEDO, Helder. As Viagens na Minha Terra e a Menina dos Rouxinóis. In: *Colóquio - Letras* 51, 1979. p. 15-24
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa em Perspectiva* – Vol. 3. São Paulo, Atlas, 1994.
- SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*- 17ª ed. Porto:Porto Editora, 2005.
- SENA, Jorge de. Para uma definição periodológica do Romantismo português.In:*Estudos de Literatura Portuguesa – I*, Lisboa, Edições 70, 1981, p. 95-108.

Recebido em 25 de março de 2012

Aceito em 4 de abril de 2012